

**Evento:** XXX Jornada de Pesquisa ▾

EDUCAR É UNIVERSALIZAR: UMA DISCUSSÃO SOBRE AS NOÇÕES DE CONSERVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO NA EDUCAÇÃO¹

**Luiza Roberta Zimmer da Silveira², Vânia Lisa Fischer Cossetin³, Fernando Jaime
González⁴**

¹ Trabalho elaborado para a disciplina de Ética e Formação, ministrada pela professora Vânia Lisa Fischer Cossetin, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI – 2025.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI, Bolsista CAPES.

³ Doutora em Filosofia, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijui.

⁴ Doutor em Ciências do Movimento Humano, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijui.

INTRODUÇÃO

A educação, enquanto prática histórica e social, constitui-se como um espaço de permanente tensão entre a conservação do legado cultural e a abertura ao novo. Em diferentes contextos e temporalidades, ela tem assumido a responsabilidade de transmitir saberes e valores considerados essenciais à vida em sociedade, ao mesmo tempo em que é convocada a formar sujeitos capazes de compreender criticamente o mundo e nele agir. No presente trabalho, o termo mundo comum é compreendido como o conjunto de saberes, valores, práticas e criações humanas que sustentam a vida coletiva por meio da transmissão e partilha entre as gerações. Trata-se de um patrimônio simbólico que é preservado e também permanece aberto à renovação por aqueles que dele passam a fazer parte. Assim, uma formação ética é aquela que visa inserir os sujeitos nesse universo partilhado, possibilitando que contribuam para sua contínua ampliação e transformação.

A análise proposta parte das reflexões do filósofo espanhol Fernando Savater apresentadas por ele na obra "*O valor do educar*" (2000), particularmente no capítulo "Educar é universalizar". Nele, Savater desenvolve três ideias fundamentais: a tensão entre conservar e transformar; a universalização como horizonte ético-político; e a recusa de determinismos sociais que naturalizam desigualdades. Tais ideias são tomadas como eixo estruturante da discussão e colocadas em diálogo com as proposições de Hans-Georg Flickinger (2010), para o qual a formação compreende abertura para o vir-a-ser, e de Masschelein e Simons (2014), que defendem a escola como espaço de suspensão das demandas sociais e que insistem em



tornar a escola uma instituição à serviço da lógica mercadológica e produtivista. Ao aproximar e contrastar essas perspectivas, busca-se evidenciar como a educação pode ser compreendida, ao mesmo tempo, como preservação de um legado e como abertura para sua reinvenção, em um movimento ético de inserção e ampliação do mundo comum.

A escolha deste recorte emerge das inquietações que atravessam o campo da formação docente, especialmente diante dos desafios contemporâneos de democratização do acesso ao saber, de combate às desigualdades e das investidas do sistema neoliberal que tem feito da escola uma extensão da empresa e um espaço fértil para a formação de sujeitos bem adaptados e produtivos. Ao explicitar a relação entre os autores e as questões debatidas na disciplina Ética e Formação, ministrada pela professora Vânia Cossetin, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí, pretende-se oferecer uma reflexão que articule fundamentos teóricos e implicações práticas para a educação contemporânea.

METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um ensaio teórico fundamentado na análise interpretativa de textos filosófico-educacionais, com o intuito de compreender os sentidos éticos e formativos atribuídos à prática educativa no contexto contemporâneo.

O ponto de partida é o capítulo “Educar é universalizar”, de Fernando Savater (2000), cujas reflexões acerca das noções de conservação, transformação e universalização da educação orientam o percurso analítico. A partir desse núcleo, o texto se desenvolve em duas etapas interligadas: primeiro, identifica e explora a concepção de Savater sobre o lugar da educação na inserção dos sujeitos no mundo comum; em seguida, discute tais noções em diálogo com o sentido de formação e de escola à luz de Flickinger (2010) e Masschelein e Simons (2014) respectivamente.

Essa estrutura metodológica permite não apenas reconhecer pontos de convergência e tensão entre os autores, mas também construir uma leitura própria, que considera o contexto de produção das obras e sua relevância para pensar os desafios éticos e políticos da educação atual. A escolha desse procedimento justifica-se pela importância de se pensar com profundidade acerca da educação enquanto o modo possível de inserção das novas gerações no mundo comum, conforme discutido nos encontros da disciplina.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura do texto “Educar é universalizar”, de Fernando Savater (2000), é possível identificar que o ato de educar carrega, em seu fundamento, uma tensão constitutiva: conservar e transformar. Segundo o autor, a educação é, inevitavelmente, conservadora, pois “transmite porque quer conservar; e quer conservar porque valoriza positivamente certos conhecimentos, certos comportamentos, certas habilidades e certos ideais” (Savater, 2000, p. 66). No entanto, essa conservação não se reduz à reprodução acrítica do passado, mas implica a responsabilidade dos adultos diante das novas gerações. Ao educar, o professor entrega o mundo, oferecendo às crianças e jovens não somente aquilo que é, aquilo que está dado, mas também o que ainda pode vir a ser.

Savater (2000) amplia essa ideia ao propor a universalização da educação como horizonte ético-político. Para o autor, a educação deve romper com determinismos sociais, rejeitando toda forma de essencialismo que naturalize a desigualdade ou justifique a exclusão. “A educação é sempre rebelião contra o destino, sublevação contra o *fatum*” (Savater, 2000, p. 67), afirma o autor, ao criticar os discursos que associam origem, etnia ou condição socioeconômica a uma suposta incapacidade de aprender. A universalização nesse sentido não é padronização, mas recusa da fatalidade, o que é o mesmo que dizer que todos têm direito ao acesso ao mundo comum.

Nessa perspectiva, Flickinger (2010) vai defender a ideia segunda a qual formar é abrir possibilidades de vir-a-ser. A formação ética é, pois, aquela que exige o enfrentamento de limites e a criação de condições para que cada sujeito possa desenvolver-se como humano. Savater (2000, p. 68), nesse sentido, sustenta que “ninguém nasce com o gene do crime, do vício ou da marginalização social”, e que o papel da educação é justamente o de oferecer condições para os sujeitos poderem escolher outros caminhos, reafirmando sua humanidade compartilhada.

No horizonte proposto por Flickinger (2010) e Savater (2000), a escola deve ser o lugar de abertura ao mundo. Não se trata de reforçar identidades fechadas, mas de possibilitar o encontro com a alteridade, com aquilo que ultrapassa o particular e se inscreve no comum. Masschelein e Simons (2014), na mesma direção, vão afirmar que a escola é um espaço de suspensão das lógicas produtivistas e segregadoras, onde todos são convocados à participação no mundo.



Educar, segundo a perspectiva desses autores, implica introduzir os sujeitos no mundo como um campo aberto de possibilidades, em meio ao que a escola passa a ser compreendida como espaço e tempo de resistência ao reducionismo, mas de cultivo daquilo que pode produzir vínculos de pertencimento a um mundo compartilhado..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui desenvolvido permite inferir que a educação se constitui como um movimento simultâneo de conservação e transformação. Ao assumir a tarefa de transmitir aquilo que é considerado valioso por uma sociedade, a educação também se abre à possibilidade de formação de sujeitos capazes de questionar, ressignificar e renovar esse legado. A universalização, nesse contexto, não se refere à homogeneização cultural ou à anulação das diferenças, mas à garantia de acesso ao mundo comum como horizonte de justiça e humanidade partilhada.

Os autores discutidos na disciplina de Ética e Formação reforçam essa concepção ao compreenderem a formação como um processo de abertura responsável à conservação e, ao mesmo tempo, de renovação do mundo. Cada qual a seu modo aponta para a importância de se considerar a educação como um gesto ético de inclusão, reflexão e construção partilhada de sentidos, tornando-se fundamental em tempos marcados por discursos que teimam em fazer da educação um caminho para a manutenção de lógicas mercadológicas e instrumentalizadas, as quais só acentuam as desigualdades e a retração do público.

Palavras-chave: Educação. Ética. Conservação. Transformação. Universalização. Formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLICKINGER, Bernhard. **A dinâmica do conceito de formação**. Material didático da disciplina Ética e Formação. 2010.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Trad. Marcelo Barbosa da Silva. São Paulo: Autêntica, 2014.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. Trad. Lúcia Santaella. São Paulo: Planeta do Brasil, 2000.